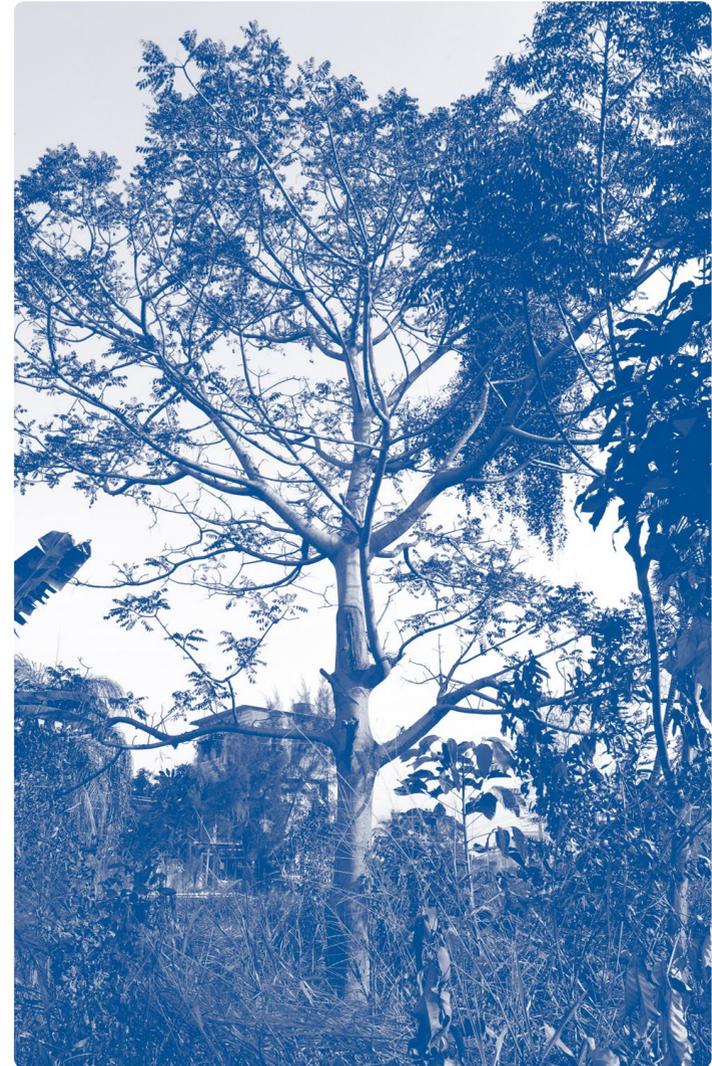


*Amor, Apagamento, Agir/atuar,
Árvores, Caminhar/saúde mental,
Carta/religiosidade/resistência,
Cartografia parcial, Condições do
diálogo, Comunidade, Conversar
(andar, falar, conhecer, os vizinhos),
Cachorros, Comum/comunidade,
Cartel da olimpíadas, Cuidados/
rede de cuidado, Céu aberto, Direito
à moradia/direito à terra, Descanso/
recuperação, Eduardo Paes, Escombros,
Essa publicação também é um
caderno de notas, Imagem, Igreja/
capela, Lei orgânica, Luta/transição,
Mulher, Mulher que conserta cano/
economia feminista, Mais água
e menos pedra, Plano/planos/
parceria público-privada, Objeto (da/
de memória), Museu das remoções,
Protagonismo das mulheres, Racismo
ambiental/criminalização da
pobreza, Reconstrução/manutenção
da estrutura, Rede de apoio, Rumor/
remoção, Som/ruído/tensão sonora,
Reparar, Rua da resistência/minha
casa minha vida, Trabalho/luta/
vida, São José Operário/teatro/
festa na comunidade, Saúde mental,
Violação/trator*



o GLOSSÁRIO 'vocabulários em movimento / \ vidas em resistência' é uma publicação que funciona com uma cartografia parcial da resistência da Vila Autódromo contra a remoção, entre os anos 2014 e 2016, culminante de uma política de anos pelo poder público associado ao mercado de especulação imobiliária. O glossário foi produzido a partir de conversas com moradores da Vila Autódromo, visitas na Vila e pesquisa de diversos materiais sobre a resistência à remoção.

Realizamos conversas com alguns moradores pedindo que eles compartilhassem conosco três palavras, um som e um objeto que nos ajudassem a conhecê-los bem como a sua relação com a Vila Autódromo. A partir dos elementos compartilhados, conversas se desenrolaram por caminhos diversos, conversas que re/encontravam temas, memórias, espaços, fatos. Alguns termos deixamos para que você, leitora e leitor, possa completar, imaginar, desejar, desenhar, relacionar... e mais.

Esse glossário de termos da resistência da Vila Autódromo se soma às demais ações de solidariedade da resistência contra as remoções no Rio de Janeiro, e por isso desejamos que também funcione como parte do vocabulário da luta, das vidas em resistência, na composição atual de lutas aqui, e além, em favelas, ocupações e em comunidades ameaçadas. O glossário é portanto uma articulação entre passado, presente e futuro.

Nos encontros na Vila Autódromo percebemos o protagonismo das mulheres na resistência, já documentado e visibilizado em várias pesquisas e artigos. Reconhecemos o protagonismo das mulheres como uma singularidade na luta pela moradia e na defesa do território. A partir da percepção dessa singularidade, mapeamos outras tal como as diversas redes de cuidado das quais dependem os cuidados reprodutivos e as redes de cuidado intergeracionais, a criação e manutenção de uma infraestrutura para garantir a vida na comunidade, a relação produtiva com o ecossistema do território, e como isso se relaciona à saúde do corpo dos moradores. Constatamos diversos elementos, modos e políticas que defendem a produção de uma relação autêntica com o território e da vida em comunidade.

Esse glossário é um primeiro trabalho de pesquisa e desenho que se deseja continuar no futuro, incorporando mais vozes. Nos colocamos junto aos moradores da Vila na imaginação de futuros, e nos perguntamos: quais são as necessidades afetivas e materiais para dar continuidade à luta da Vila nesse momento?

~ Cristina e Lucas

vocabulários em movimento / \ vidas em resistência
singularidades da luta a partir de conversas na Vila Autódromo



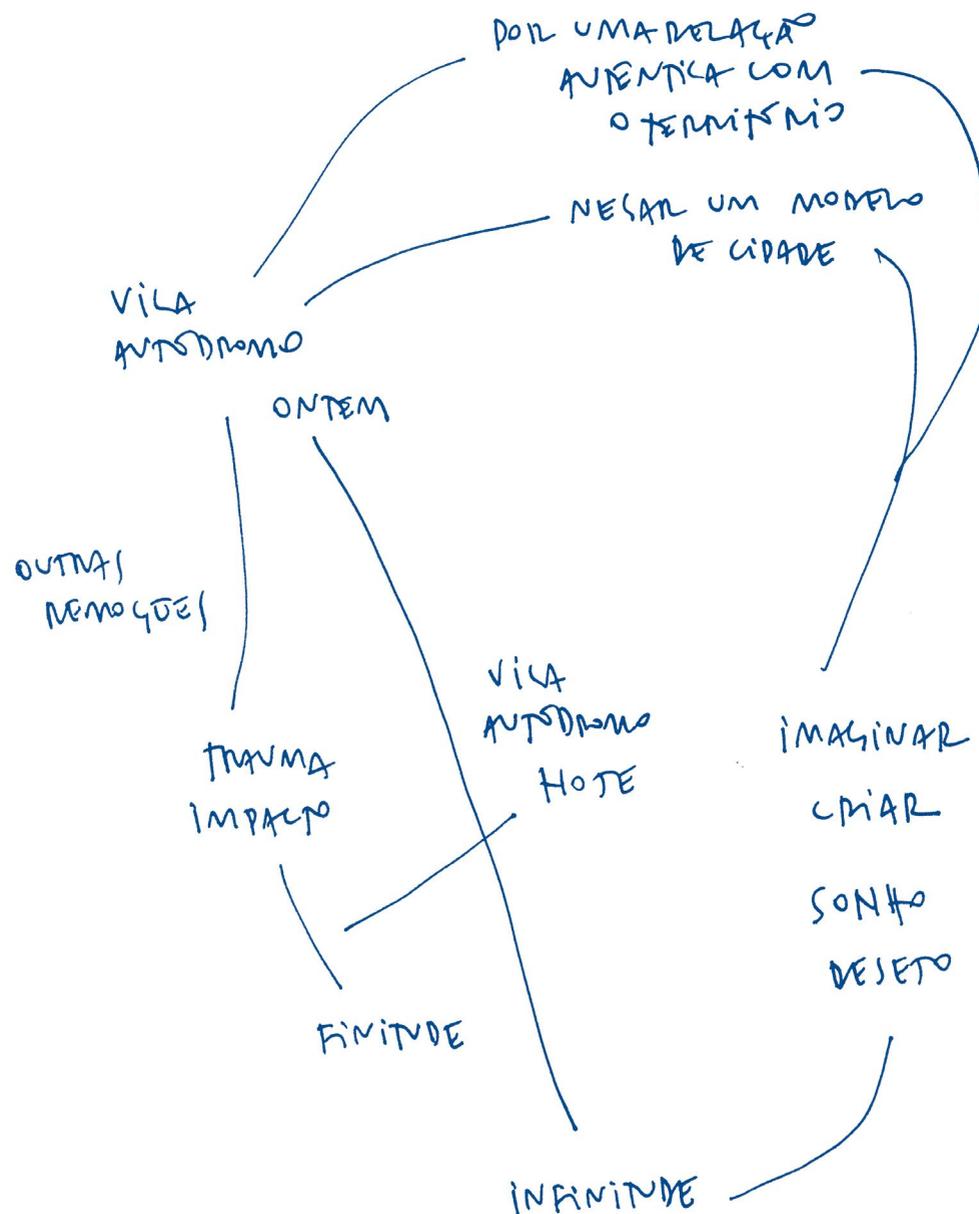
amor: palavra simples. O **amor** é amplo em vários sentidos; palavra que funciona com palavras companheiras, trabalham em conjunto. O amor se completa com paciência, caridade, fé, afeto, magia, sonho. Vai colocando outras formas de pensar, agir... quando se sabe distinguir o que é o amor. Ter amor a algo é se dedicar a algo. ~ Maria da Penha

4

apagamento. Porque esse lugar precisa deixar de existir? *Destruição dos traços. Mudança da topografia da Vila. Asfalto, cimento e entulho recobrem o terreno onde antes viviam 650 famílias. Pessoas caminham em busca de descobrir onde eram suas casas. Não é fácil localizá-las. Não há pontos de referência. A Igreja permanece no mesmo lugar. A Vila nasceu como comunidade de pescadores nos anos 1960, e está localizada na baixada de Jacarepaguá.*

Permanecemos em nosso território, o reconstruímos e celebramos diariamente, aqui certamente é nosso lar. Isso, porém, não anula o fato de centenas de pessoas terem sido removidas e a comunidade que abrigava centenas de famílias ter ficado reduzida apenas a vinte famílias. ~ Sandra Maria

— não é a casa que se perde, é a referência, o pertencimento.



agir e atuar são vocábulos que nos remetem à ação, ou seja, a fazer algo, a sair da inércia. Interessante fazer uma analogia entre 'agir na luta' e 'atuar no palco', especialmente na resistência da Vila Autódromo, pois é como se vida real e ficção se fundissem com o mesmo propósito: fazer alguma coisa em prol das injustiças sociais. Atuar no palco, nas praças, nas ruas ou onde quer que seja, é também uma forma de resistir, de fomentar ideais, de iluminar dias sombrios... E para ter voz, corpo e mente são em meio ao caos, foi reconfortante ter tido eventos culturais no árido processo de remoção, nesses momentos podíamos reivindicar através das diversas formas de se fazer arte, mas também celebrar a vida, os amigos, a existência!

Na luta foi preciso se reinventar, resistir, reexistir! Entre marteladas, pancadas, tratores, agressões, escombros e muita falácia... emergia uma força sobrenatural (instintivamente coletiva) pela sobrevivência na terra adorada, e martelava na mente: se unirmos nossas forças à nossa criatividade, podemos reverter esse quadro! Mas, é preciso agir! E se tem algo que aprendi nesse PROCESSO REMOCIONISTA é que precisamos sair da condição de meros espectadores para ser ATUADORES da nossa própria história. Então, lá vai:

**Se tem pancada, tem barricada;
Se tem agressão, tem manifestação;
Se tem destruição, tem ocupação;
Se tem árvore sendo cortada, tem semente sendo plantada;
Se caímos em meio aos escombros, levantamos, sacudimos a poeira, erguemos a cabeça e esbarramos em mais uma, das muitas inovações:
Nasce o MUSEU DAS REMOÇÕES!**

Já dizia o poeta, navegar é preciso, parafraseando, eu diria: inovar é preciso! Que tenhamos sabedoria, ardor, coragem e fé para navegar neste MAR DE TERRA, que possamos atuar e agir nas duas esferas: na Vida e na Arte!
~ *Nathalia Macena*

*peças de teatro na Vila, 2000 a 2009
ver São José Operário*



árvores (mudas, plantas, hortas, coisas vivas):

a Vila Autódromo era uma área extremamente arborizada, com árvores que foram em grande maioria plantadas pelos moradores ao longo dos mais de 40 anos de ocupação. Ipês, paineiras, pau-brasil, bananeiras, coqueiros, aroeiras. Mudas que de pequenas foram crescendo e fechando as ruas com sombra e ar fresco, como se vê nas fotos aéreas de antes do processo de remoção começar. Os moradores colhiam de suas próprias casas e das ruas goiabas, abacates, carambolas, mangas, tangerinas, acerolas e muito mais. As árvores, as hortas e as plantas domésticas são símbolo da relação dos moradores com a natureza e o ecossistema onde vivem. Segundo levantamento, 457 árvores foram cortadas na Vila Autódromo no processo de remoção. Elas eram numeradas para corte, e os moradores tentaram salvar algumas mudas, como a árvore de louro, que Delmo viu com insucesso ser amarrotada por uma escavadeira. Árvore grande conta o tempo: cortando a árvore se cortam marcas de ocupação do território.

Atualmente há um plano de criar um horto florestal na Vila, como modo de garantir a preservação do ecossistema e do território onde a Vila está localizada. Os moradores da Vila querem plantar palmeiras imperiais e pau brasil porque algumas árvores não podem ser arrancadas. Atrás da casa de Maria da Penha e Luiz Cláudio na nova Vila, onde está o Museu das Remoções, já vemos novas mudas nascendo: duas tangerineiras, uma amoreira, três abacaxizeiros e uma aceroleira. Pouco a pouco a Vila vai renascendo.

— domingo também é dia de plantar, não podemos perder tempo, tem muito território para recuperar.

caminhar para se localizar,

para esquecer um pouco o que aconteceu

caminhar para restituir espaço interno

como se fosse uma terapia

/ saúde mental

alimenta os dias, energia e respiração do ar

não é prática ensimesmada, egoísta

é uma forma de reza, de igreja

se conectar, em movimento, com o entorno

pegando latinhas para ajudar a pagar o pão

com as plantas

lembrando que a vida vai pra frente

ilusão, ânimo, fuga

deixa o coração mais leve

faz com que a pessoa tenha mais vontade de lutar

se fazer de forte sem ser forte

pedras, trabalho dos escravos, mangueiras

todo dia

subida do Camorim, Estrada dos Bandeirantes

é diferente

necessidade de trazer pra nós força interior,

e poder transmitir para os outros

carta / religiosidade / resistência. Sou filha de Nanã. Nanã é responsável por minha existência, e é ela a dona do pequeno pedaço de terra que eu zelo. Nanã a mãe terra, a grande matriarca! Nanã é um orixá muito antigo, associado às águas paradas, à lama dos pântanos e ao lodo do fundo dos rios. Nanã é a senhora da morte, aquela que recebe seus filhos após a morte, sendo ela uma figura austera, justiceira e absolutamente incapaz de uma brincadeira. (...) Como poderei viver sem poder zelar pela casa de Nanã no local que ela escolheu? (...) O que eu desejava era apenas continuar com minha casa, meus animais, minhas plantas, ajudando as pessoas que vinham me procurar com seus problemas, cultuar meus santos com minha fé. ~ *Luizinha de Nanã*



/um objeto, três palavras... molho de chaves, com apito e corações

10

*chamamos de **cartografia parcial** as conversas e a pesquisa que empreendemos, Cristina e Lucas – um trabalho de mapeamento de termos do vocabulário da resistência na Vila Autódromo. Dizemos **parcial** porque essa cartografia não pretende totalizar as experiências, as memórias, a história e o porvir da Vila. **Parcial** porque se complementa com as outras cartografias, pesquisas, filmes, manifestações e ações de cuidado e acolhida nessa luta pela produção de um modo singular de viver.*

11

– uma brecha para falar

condições do diálogo. *Sentamos numa sala do Museu das Remoções. Convidamos alguns moradores para compartilharem um som, um objeto e três palavras. Nem todos trouxeram todos esses elementos. A partir deles queríamos criar condições de diálogo e de aproximação para começar a mapear palavras e elementos – singularidades da luta que nos levassem a conhecer a resistência da Vila Autódromo a partir de uma perspectiva mais íntima, mais próxima dos moradores. Condições de diálogo que são uma ferramenta de pesquisa, buscando nos aproximar de modos de vida e modos de lutar. Quisemos abrir um espaço para uma escuta, em primeiro lugar uma escuta que abre intimidade. Escuta se articula com diálogo. A partir dessa escuta e diálogo, algumas perguntas: Como nós lidamos com essa intimidade que se abriu? Como ela assume modos expressivos? Como as vozes se tornam matéria para esse glossário? Como as vozes dos moradores são faladas agora a partir dos nossos corpos? Como o glossário segue mobilizando vocabulários em luta?*

\ (contra) condições de diálogo: quais são as condições de diálogo dadas pelo poder público? Se o trabalho da resistência também foi de passar informação uns aos outros, aprendendo a resistir, fez parte da luta entender como e por onde era possível enfrentar a 'ambiguidade na questão jurídica'. A justiça ora tratava os moradores como invasores, ora como cidadãos.

ser **comunidade** às vezes ou muitas das vezes não é uma coisa fácil, pois o que caracteriza uma comunidade é, sem dúvida, a harmonia entre os cidadãos que compõe essa comunidade. A Vila Autódromo não é muito diferente de outras comunidades. Apesar de mais de duas décadas viver com a assombração das ameaças de remoções pela prefeitura, teve que aprender a conviver com esse fantasma. Por ser uma comunidade pacífica e ordeira sem ter tráfico de drogas e poder paralelo, isso acaba facilitando a harmonia entre os moradores e contribui para uma maior interação de uns com os outros. Com a intensificação da remoção e da forma como ela foi, com agressões, covardias e várias estratégias de guerrilhas usadas pela prefeitura para nos intimidar, não restou outra coisa para os que ficaram até o fim senão um se apegar ao outro e com isso virando uma grande família.

O fato de recebermos muitos apoiadores à nossa resistência e a forma carinhosa e receptiva que os acolhemos, contribuiu e muito para a divulgação da nossa luta a vários lugares do Brasil e do mundo, atraindo cada vez mais apoiadores aumentando nossa rede e consequentemente aumentando nossa família, aumentando nossa comunidade. ~Luiz Claudio da Silva

12

ela relata a construção de um semáforo com o dinheiro dos peixes — porque

*apoio mútuo na instabilidade /
unidade pela comunidade /
maneira de resistir contra a
fragmentação*

*— a comunidade que todos
participam não existe.*

conversar (andar, falar, conhecer, os vizinhos). *Nathalia e Sandra contam de uma cena: caminhando pelas ruas da Vila, depois de uma reunião na Associação de Moradores, precisavam recolher assinaturas dos moradores contra a remoção. Caminhar, bater de porta em porta, como modo de se acercar, e de conhecer mais de perto as caras, as vidas, a rotina dos moradores, muitos que já eram conhecidos, outros mais, outros pouco. As palavras trazidas por Nathalia levaram a conversa à informalidade e os termos soam ‘cariocas’ ou estranhos. Palavras podem ser ‘de outro lugar’ e esse ‘outro lugar’ pode ser na Vila, afinal um vizinho pode ter vindo de outro lugar, assim como um colega de faculdade. Barraco, cafofo, maneiras de falar de referir à casa, ao espaço próprio, íntimo, esse em que o corpo descansa. Caraca, putz grila, meu irmão, palavras de assombro, de espanto, de ênfase. Bagaça: não, não é coisa boa. Conversa vai, conversa vem. Pedagogia do movimento, ensinar a negociar (com o poder público), conhecer e produzir a comunidade.*

13

*— quando eu falo eu
esse eu representa o nós (da comunidade).
algumas pessoas me tinham como referência
naquilo que eu tinha falado.*

as crianças morriam na estrada.



você mencionou os **cachorros**, então aproveito para trazer o nome deles. A Vila tinha muitos animais, até mesmo cavalos, bodes e cabras... à medida que as pessoas foram indo embora, em especial as que foram para os apartamentos, deixavam muitos animais abandonados (sobretudo cachorros e gatos). Através da colaboração de amigos, conseguimos adoção para vários deles, como você já deve saber... mas alguns nos acompanharam durante o processo de remoção e estão conosco até hoje, os cachorros são: o Negão, o Pretinho, a Unix e a Nina.

16

— os cachorros protegem, cachorro late e avisa.

comum / comunidade.

17

CARTEL DAS OLIMPÍADAS. Norberto Odebrecht, Andrade Gutierrez e Carvalho Hosken aparecem como as empresas responsáveis pelo consórcio do Parque Olímpico da Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio. O Cartel foi formado um ano antes da licitação ser lançada a público. Fonte: Agência Pública

ILHA PURA, VILA OLÍMPICA, VILA DO PAN, PENÍNSULA, RIO II.
Conheça também os prédios: Bretanha, Normandíe, Provence, Borgonha, San Remo, Genova, Sicília, Alsácia, Sardenha, Cote d'Azur, Front Lake, Green Park, Verano, Verano Stay, Fontana di Trevi

cuidados / rede de cuidado. *não é preciso estar muito tempo na Vila Autódromo para entender que há aqui uma coextensão entre o cuidado de si, cuidado da família, dos vizinhos, do entorno e da natureza. Cuida-se da comunidade e também de sua estrutura física. Relação entre trabalho reprodutivo (o cuidado das crianças) e o cuidado intergeracional. O cuidado dá tecido à estrutura coletiva, que é por sua vez apagada categoricamente pelo sistema neoliberal das remoções. Uma moradora nos relata que alguém disse: luta tecida a muitas mãos.*

- uma queria passar pra outra que tava forte.
- não vou deixar ninguém para trás.
- num processo de luta, cada um faz alguma coisa.
- pra onde foram os amigos? Como se mantém as relações?
- amigos foram para os 'predinhos' (Parque Carioca).

céu aberto. *Um fim de tarde com Penha, andando até a beira da água. Paramos na faixa de grama entre o asfalto e a lagoa, que agora é curta, ínfima, enquanto o vazio do estacionamento é alargado e sem propósito. No meio da conversa sobre a Vila Autódromo, Penha para e diz: Olha esse vento batendo. Não troco isso por nada. Não sei se por estar ao lado dela, Penha, mas sinto que o vento que nos toca naquele momento é de fato especial, envolve de um modo suave, não é frio nem quente, nem forte nem fraco, não é pronunciado mas se faz presente do modo mais agradável. Na Vila, a relação com o espaço se dá por esse espectro doce e visceral, sutil mas incisivo. Quem ficou venceu as estratégias mais perversas de um movimento global do capital financeiro, e muitos dos que já não estão lutaram até além dos limites toleráveis. Estar ali é uma vitória, estar com o vento que se quer pra si. Se levam o teto, não levam o céu. Surge então esse lugar-museu, a céu aberto, um museu que é toda a história de resistência, que é a resistência em si, que afirma um espaço para além da nova constituição urbana imposta.*

Um museu como luta. Ainda que as antigas casas da Vila Autódromo não estejam mais ali, o vínculo com a terra segue forte, não só dos moradores que permaneceram mas também dos que voltam e visitam. Minhas raízes estão aqui – ouvimos de ex-moradores. Esse museu vivo, museu corpo de luta, um museu que acontece na fala de cada um que partilha a vida na Vila, um museu que acontece em um suco com a Penha, feito por ela, trazendo todo o contexto histórico, social, comunitário, ambiental, filosófico, a partir de um gesto. Um museu que é Penha, Sandra Maria, Sandra Regina, Luiz, Nathalia, Denise, Dona Dalva, todos que estão e são a Vila Autódromo, será sempre um museu do infinito.

~ João Paulo Quintella

18

direito à moradia / direito à terra: *o que caracteriza o capital como sistema financeiro é a perda do direito à terra, e a luta de classes se dá na disputa pelo acesso à terra. A Vila Autódromo resiste por não querer estar à margem do capital. Por acirrar a dualidade entre centro e periferia, entre ocupação correta e incorreta do território. Na Vila se luta por uma relação autêntica com o território.*

Na Vila Autódromo há resistência à financeirização da terra urbana e da moradia. A financeirização é a nova forma de controle territorial em todo o mundo.

~ Raquel Rolnik

As famílias da Vila ainda esperam o recebimento do documento Habite-se, que oficialmente autoriza a ocupação das residências. ~ Relatório do IPACS, 2017

No Rio de 2009 até 2015 foram 22.059 famílias removidas: totalizando cerca de 77.206 pessoas. ~ Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro

descanso / recuperação: *casa, horta, pátio, comunidade, vizinhança, remoção, resistência; espaço para brincar, espaço para descansar. Onde é que o corpo repousa? Descansar da luta: ainda estamos nos recuperando dos dois últimos anos de resistência.*

19

— a palavra direito não é respeitada, é palavra boa de ser trabalhada

— três palavras: direito, dinheiro, divisão

20

EDUARDO PAES - Prefeito do Rio de Janeiro de 2009 a 2017, é pré-candidato do PMDB ao Governo da cidade em 2018. Durante a juventude fez figuração em novelas da Rede Globo. Em 1993 foi nomeado Subprefeito da Zona Oeste do Rio de Janeiro pelo Prefeito Cesar Maia, seu então padrinho político. Nessa época liderou o que ele próprio denominou 'Caravana da legalidade', contra supostos invasores nos bairros da Zona Oeste. Natural do bairro do Jardim Botânico, é bacharel em direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Além dos indícios de cartelização nas obras das Olimpíadas, o ex-presidente da Odebrecht Infraestrutura declarou em delação premiada que o grupo empresarial repassou mais de 15 milhões a Eduardo Paes para a facilitação de contratos relativos às Olimpíadas de 2016.

Fonte: Relatório do IPACS, 2017

escombro. Quando me foi sugerido falar sobre escombros, fiquei olhando para o papel sem saber ao certo por onde começar. As lembranças que tenho dos escombros de nossa Vila Autódromo me levam para essa frase 'A geografia do mundo, está estreitamente ligada com o que acontece em sua história.' (PHILLO, 1996, p. 270). Aqui na Vila, foi bem isso que aconteceu, nossa geografia foi modificada. Quando removiam uma casa, não removiam apenas a casa, cortavam as árvores, destruíam o terreno, destruíam tudo. Removiam nossas referências geográficas. Alargaram o rio para justificar a remoção de uma rua inteira de casas. Em meio a toda essa destruição, havia os escombros. As casas eram demolidas e os escombros abandonados no terreno por meses, alguns chegaram a fazer aniversário, pois ali permaneceram por mais de um ano. Ainda hoje, temos escombros que não foram retirados. Permanecem em nosso território como uma cicatriz, uma rugosidade em nosso espaço e nossa história. 'Chamemos rugosidade ao que ficou do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos.' (SANTOS, 1996, p. 113).

Os escombros representavam para nós uma variedade de emoções, tais como medo, tristeza, insegurança, ameaça, perigo, violação, pressão, injustiça, desonestidade, suborno, ambição, ganância, acumulação, resistência, transformação... Destes mesmos escombros, a partir de todas essas emoções e tantas outras que não me lembro agora, nasce o Museu das Remoções. Permanecemos no território, contrariando toda a pressão e política de formação urbana de nossa cidade, que ao longo de sua história vem expulsando o povo trabalhador, construtor desta cidade, sempre

21

— a vila existe.

explorado, abandonado e renegado por aqueles que detêm o capital e o poder. Vamos além, queremos preservar e resgatar a memória destas populações removidas, ou ameaçadas pela remoção, não apenas na Vila Autódromo, afinal o que aconteceu aqui faz parte de uma disputa de território, injusta e desigual, que ocorre em toda nossa Terra.

Nossos escombros são certamente as peças principais de nosso acervo e algumas destas peças, foram incorporadas ao acervo do Museu Histórico Nacional, onde permanecem expostas na ala de exposição permanente de história contemporânea. O que para nós, é sem dúvida uma grande conquista. Ao lutarmos por nossos direitos em permanecer neste território, acabamos conquistando outros espaços, nunca imaginados por nós.

Acho que nossos escombros poderiam ser comparados à flor de lótus que em meio à lama e lodo surge com extrema beleza, delicadeza e singularidade. As peças que compõem o acervo do Museu Histórico Nacional são peças que foram recolhidas dos escombros abandonados das casas de ex-moradores. Entre essas peças, tem uma que não identificamos o nome do morador da casa à qual pertencia. Esta peça entretanto, torna-se talvez a mais importante de todas, uma vez que, não sendo identificada, representa a maioria desta população removida e talvez a mais sofrida, pois além de removida, no processo histórico tem sua identidade perdida, esquecida. Não tendo sequer o registro de sua memória. ~ Sandra Maria de Souza

Bibliografia:

— PHILLO, Chris. História, geografia, e o “mistério ainda maior da geografia histórica”. in: Gregory, Derek et alli (org.). Geografia humana – sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1996. — SANTOS, Milton. A natureza dos espaços. Editora Hucitec, 1996.

essa publicação também é um caderno de notas.

23

imagem. *Outra ferramenta importante do empreendedorismo urbano é o ‘city marketing’, pelo qual a cidade é vendida a partir de seus símbolos, seus pontos turísticos e uma imagem positiva construída sobre si. Não à toa, esse modelo de gestão das cidades prioriza investimentos na paisagem, na criação de símbolos, de estruturas arquitetônicas, no lugar de investimentos que contribuam diretamente para a melhora na vida das pessoas na região. ~ David Harvey*

Faz parte dessa economia de ‘city marketing’ a criação de eventos culturais e megaeventos tais como as Olimpíadas e Copa do Mundo.

maquiagens / imagens (cidade do Rio) / como funciona a seleção de imagens que circulam na internet?



igreja / capela.

A construção da CAPELA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO não foi muito diferente de outras capelas de comunidades carentes, uma vez implantada é arregaçar as mangas e encarar os desafios. Construir uma igreja com planta (projeto) e com um engenheiro orientando torna o desafio ainda maior, pois tem normas e disciplinas a seguir; não pode ser feita de qualquer jeito. Com grandes mobilizações para conseguir dinheiro, como: festa do padroeiro, rifas, café da manhã, almoços, bingos, ofertórios, bazar, dízimos, doações financeira e de mão de obra e com muita fé e oração atinge-se o objetivo. Apesar de termos na gestão do prefeito César Maia a visita por duas vezes da guarda municipal nos ameaçando derrubar a obra da igreja caso prosseguíssemos com a obra, não desistimos.

Com a construção de uma igreja inserida em uma comunidade com a problemática de mais de duas décadas sendo perseguida com as ameaças de remoção, a comunidade católica teve que se unir mais e buscar forças entre os membros, sendo mais acolhedora com os que vinham para conhecê-la, independente de credo ou religião, e teve que aprender a lutar junto de seus vizinhos, uns se apoiando nos outros. A igreja foi cedida por várias vezes para eventos da comunidade, ainda mais depois que a associação foi demolida. Talvez o que a diferencie de outras igrejas seja o fato de ser uma igreja que foi construída o tempo todo lutando contra o processo de remoção, durante sua própria construção. ~ *Luiz Claudio da Silva*

26

lei orgânica (do município). Art. 429 –

A política de desenvolvimento urbano respeitará os seguintes preceitos: [...] VI - urbanização, regularização fundiária e titulação das áreas faveladas e de baixa renda, sem remoção dos moradores, salvo quando as condições físicas da área ocupada imponham risco de vida aos seus habitantes, hipótese em que serão seguidas as seguintes regras:

- a) laudo técnico do órgão responsável;*
 - b) participação da comunidade interessada e das entidades representativas na análise e definição das soluções;*
 - c) assentamento em localidades próximas dos locais da moradia ou do trabalho, se necessário o remanejamento.*
- ~ Lei vigente frequentemente derespitada e violada no Rio de Janeiro*

27

luta / transição.

está tudo, na verdade, em um processo de mudanças. Nessas mudanças, a gente está nos recuperando, recuperando nosso bem-estar, nosso dia a dia, a nossa vida, a nossa Vila. Mas, a nossa luta continua, pois a gente sabe que os governos não trabalham para todos, eles trabalham para uma minoria, e o pobre tem que continuar lutando para ter suas conquistas, para ter seus direitos respeitados. A gente tem que estar sempre lutando. ~ *Maria da Penha*

mulher peituda, mulher com coragem, mulher que sobrevive, mulher que sofre opressão de gênero,

mulher que luta.

28

eu tenho marcas da Vila Autódromo no meu corpo.

mulher, árvore que sustenta todos os galhos.

a mulher precisa ser forte

se ela quiser mudar a história (mais do que o homem).

mãe ajeita.

hoje em dia é uma orientação do Ministério das Cidades que o título (de propriedade) esteja no nome das mulheres, porque na separação os filhos costumam ficar com elas.

tem mulher que tem muito menos medo do que homem –

tem também mulher que torna mãe e deixa a filha, o filho

com sua própria mãe.

mulher que conserta cano / economia feminista.

aquela que defende direitos e que cria modos de cuidar, que cria economias por fora das leis macroeconômicas, androcêntricas, patriarcais e neoliberais. Há uma relação intrínseca entre luta pela moradia e protagonismo das mulheres. Mulheres são protagonistas em outras lutas também, tais como a demanda por serviços públicos e contra a violência policial (Carolina Guimarães, 2016). E isso não é por acaso – as mulheres, por se ocuparem das tarefas domésticas e do cuidado mais imediato de seus filhos e mesmo de seus companheiros e família, são as que tomam a frente na luta pela moradia, na manutenção dessa que é uma das necessidades mais básicas – a casa. As mulheres defendem aquilo que faz parte da sua realidade material. A moradia mesmo garantida constitucionalmente não é um direito amplamente contemplado pelo poder público.

Em alguns países, como na Espanha, a luta pela moradia é reivindicada como parte da produção de uma economia feminista (Silvia Gil, 2011). A Economia feminista quer confrontar o neoliberalismo, um sistema heteropatriarcal, que se beneficia dos trabalhos não remunerados das mulheres, ou em grande parte realizados por mulheres e sobretudo mulheres negras e de cor: os tais ‘trabalhos ou cuidados reprodutivos’. Economias feministas assinalam, por exemplo, que a constituição de redes de cuidado e afeto também é um trabalho das mulheres. Mas o trabalho das mulheres excede o trabalho emocional. É preciso romper com a ideia de que os homens se ocupam da produção e as mulheres apenas da reprodução. As mulheres também são responsáveis pela realização de diversas ações que mantém a estrutura física de uma comunidade, envolvendo-se na construção material da comunidade, por exemplo. Na Vila Autódromo, escutamos que mulheres construíram um ponto de ônibus. E que há uma mulher especialista em consertar canos. Você sabe quem é?

29

ANDROCENTRISMO.
propensão a estabelecer o paradigma masculino como exclusivo representante do geral.

HETEROPATRIARCALISMO.
um sistema sociopolítico, no qual a heterossexualidade e o gênero masculino têm supremacia sobre os demais gêneros e sexualidades.

mais água e menos pedra.

em momentos de luta, entender que um aspecto importante da resistência envolve lidar com certa SAGACIDADE na relação com os agentes opressores custa tempo. No caso específico da Vila Autódromo, muitos dos moradores e lideranças perceberam logo no início dos processos de negociação empreendidos pela prefeitura que seriam enganados. Em consequência disso, construíram uma rede pró-Vila, que se prontificou com a causa. Mesmo a Vila sendo pequena, conseguiu projetar a questão das remoções no cenário nacional e internacional, e isso me parece ser característica primeira, mais visível, nesta história de luta.

Ha, porém, este outro momento que foge à retina e que se estruturou na rotina, de segunda à sexta. Um ponto de resistência que não se apresenta em primeira instância. A relação entre os moradores e os agentes opressores foi uma estratégia importante para a manutenção de um cotidiano caótico, no qual direitos foram atropelados pelas esteiras das máquinas de demolição. Se por um lado queimava-se uma escavadeira e bloqueavam-se ruas, por outro o copo d'água e o cafezinho lubrificavam as relações entre os muitos envolvidos nos lados distintos.

Essa aproximação serviu, estrategicamente, para êxitos cotidianos, difíceis de serem mapeados pela pauta mais importante – a luta pelo direito à moradia.

— Vamos começar a vender quentinhas para os trabalhadores das obras.

Assim, a menina desempregada gera economia de resistência, problema que transborda o território da Vila. Essa configuração lhe rendeu mais um punhado de meses de geração de renda naquela região, uma vez que sua antiga clientela já não comparecia ao cenário de guerra.

Depois de um sorriso no rosto, garante-se acesso livre a áreas recentemente adicionadas ao Parque Olímpico - para registro e fotografias que circulariam pelo mundo. Essa sagacidade na relação 'cumpriu seu papel', tornou a luta algo peculiar no caso da V.A. e me permitiu entender que a manutenção do resistir é mais água e menos pedra. ~ Igor Vidor

30



31

PLANO / PLANOS / PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA. Depois da parceria público-privada do Porto Maravilha, a Prefeitura, associada aos interesses das empreiteiras, prepara um Plano de Estruturação Urbana (PLC 140/2015) para a região das Vargens. Essa região reúne os bairros da Vargem Grande e Pequena, Camorim, parte do Recreio, além de um pequeno trecho da Barra e de Jacarepaguá, representando cerca de 24% do município.

Fonte: Relatório do IPACS, 2017

objeto (da / de memória).

escombros. Remoção como produtora de.

*Como transformar a luta em cultura material? Qual a materialidade da luta? Um museu criado a partir dos escombros. Pessoas (e sua luta) como museus. Há museus que mantêm escombros, escombros. Aos museus/luta. Há luta em forma de. (Re) plantio. Fazer, desfazer e refazer de histórias pela metade. Uma Casa Sobrevivente. Uma igreja que não/nunca caiu. Silêncios e embargos. Criança, pracinha e campo de futebol; prédios, promessas de futuro... mentiras. O cheiro da comida. As pessoas protestando, o trator. O sangue dos/nos olhos. Como guardar a sensação de resistência? A derrubada das árvores, a retirada das raízes. Aqui já teve pescadores. Museu é pra ter coisas pra ver? Ficar vendo coisas das remoções é um sofrimento. O guardar a pedra. A pedra/lembrança/de/luta. Quem derrubou sabe que dali só sai um museu, não tem creche, não tem clínica da família, não tem... Quem / o que segue sendo Vila? Os caminhos que se entrelaçavam. O cansaço, a negociação, a resistência. O erguer o verde. Do que é feita a memória da luta?
~ Gleyce Kelly Heitor*

32

o **museu das remoções** é um museu a céu aberto na Vila Autódromo. Atua em intervenções artísticas, principalmente no território da Vila; na realização de oficinas culturais; e em uma vasta pesquisa sobre o local em acervos pessoais dos moradores e apoiadores, na imprensa, nas mídias sociais e na produção acadêmica.

O museu nasceu da articulação entre os moradores da Vila Autódromo e seus apoiadores. Seu objetivo é registrar a história de violências, mas também de lutas, que ocorreram nos últimos anos. Tal experiência surge da necessidade de enfrentar o duplo processo de apagamento buscado pelas práticas estatais: tanto do espaço físico quanto das redes de relações (afetivas, morais, políticas e econômicas) que formaram historicamente a comunidade. Este Museu é mais um ato de resistência da Vila Autódromo. Memória não se remove!

33





protagonismo das mulheres.

Lucas: Por que a maioria são mulheres?

Sandra: Todo mundo faz essa pergunta.

A mulher tem muito mais pertencimento ao ambiente doméstico familiar, à casa, à família que o homem. Um homem se desvincula de um filho muito mais fácil que uma mulher. Se a mulher abre mão das relações de comunidade, ela não vai ter relações de confiança, com quem ela vai deixar seus filhos? A mulher acaba sofrendo mais com a remoção. Ela acaba brigando mais pela moradia. Na hora de decidir sobre ficar na comunidade, isso não pesa tanto para o homem. A mulher sobrevive muito disso, e tem o ombro amigo, um desabafo. A mulher tem o amparo social, no cotidiano, 'você me ajuda quando algo falta, você ajuda a cuidar do meu filho quando vou trabalhar'. Isso gera uma convivência. Se você perde aquilo você perde uma estrutura. A mulher tá mais presente pra atuar no momento, também porque tá mais em casa.

É uma realidade se você parar para pensar o país, o mundo. O protagonismo de resistência é das mulheres. Teve aí os estudantes secundaristas.

36



BARRICADA
\ contra a violação dos
direitos humanos.

A maior parte são meninas. Não que não tenha homens. A grande maioria são mulheres. As mulheres estão em todos os processos de resistência. A mulher está ganhando esse espaço. Acho que faz parte da história de mulher depois de tantos anos oprimida. Ela está começando a se impor dentro desse sistema e brigar contra ele. Dá para pensar que a mulher foi preparada para isso. São séculos de opressão, nos quais você aprendeu a resistir. A mulher vem sendo treinada para cuidar da casa, do filho, do marido. E na hora da resistência, a mulher agrega isso também. É uma disputa de espaço e a mulher precisa ser forte se ela quiser mudar a história. O homem está numa situação mais cômoda. Mas o que vai acontecendo, o que vai mudando, hoje por meio de um choque, são mudanças na mentalidade. Isso só se compreende através da história oral. Está no depoimento de mulheres, e até de homens.

Cristina: Como conversar com os homens sobre o protagonismo das mulheres sem que eles pensem que vão perder seu espaço, seu valor?

Sandra: Os homens tem que entender que quando a mulher se emancipa, o

homem acompanha. Os homens têm que acompanhar essa mudança, para que ela possa acontecer de verdade.

Cristina: Você diria que a luta da Vila é uma luta feminista?

Sandra: Não me identifico com o termo feminismo. Eu faço parte dessa RESISTÊNCIA DA MULHER. Se eu sou feminista, não sei. Talvez seja. (...)

Você não está falando de duas pessoas que tem direitos iguais. Você está falando de pessoas que têm direitos a séculos e de pessoas que não têm direito nenhum. Igualdade não é superioridade. Eu sou uma mulher que luta pela igualdade social. É claro que a gente compreende que para você alcançar uma igualdade, você tem que AGIR COM DIFERENÇA. No caso das cotas raciais, tem gente que diz, 'privilégio' – isso não é privilégio, é uma tentativa de reverter um processo de injustiça social. Se você não usar esse tipo de mecanismo, você não vai reverter. São situações diferentes, para que a mulher possa conquistar esse espaço na sociedade.

racismo ambiental / criminalização da pobreza.

parte da explicação para a defesa deste discurso este-reotipado e racista – de que o pobre não tem qualquer interesse em melhorar a própria vida – é que a cidade é dividida entre ricos e pobres. É dividida entre os que se acham seguros com a presença cada vez mais ostensiva da polícia e guardas militarizados pelas ruas e uma população que sofre cotidianamente sem qualquer tipo de direito, inclusive o principal deles, o direito à vida, por causa do falso discurso da ‘guerra às drogas’.

~ Gizele Martins

38

reconstrução / manutenção da estrutura.

é comum reaproveitar material. Desmontar, limpar, juntar, preparar e reutilizar. Economia precária, economia de sobrevivência, auto construção (o Estado não provê). ‘Sobrejornada de trabalho em mutirão comunitário’ (Marcela Munch). Economia pequena, economia de reuso, economia feminista. Economia que nega a sociedade de consumo. Que nega modelos de vida produzidos em catálogo burguês e que depende, por sua vez, de redes de troca e relações em comunidade, em vizinhança, em cooperação. A existência da Vila enquanto comunidade depende também de um cuidado constante em relação à sua estrutura física. Durante o processo de remoção (2013-2015), os moradores tinham que monitorar a demolidora Vitor Hugo. A empresa destruiu deliberadamente o cano de água que abastecia a Vila.

rede de apoio

- Nessa luta, a gente conhece quem passou por situação semelhante.
- Na Vila Autódromo não poderia ser diferente.
- Num processo de luta, cada um faz alguma coisa. Cada um vai ter uma habilidade, que se completa na comunidade. Cada detalhe é importante.

39



rumor / remoção: *onde e como se armam e se desfazem os contratos, os acordos? onde e como os poderes se corrompem? não, não pode acontecer de novo. o rumor é como um som que não se quer ouvir. pode acontecer de novo? o rumor é sobre a desapareção desse modo de vida. Mas a vila resiste. ouve-se som de gente que batalha, que um pouco descansa, que planta árvores, que aqui trabalha, som de criança que brinca. Agora pessoas passam na ciclovia.*

som / ruído / tensão sonora. *que desaparece, na paisagem sonora – som do kart, Nathalia se acostumou, sons da comunidade. A escuta se torna atenta, tensa, com a remoção. Que sons saltam aos ouvidos? Som do bate estaca Tah! Tah! Tah! Você não conseguia nem ouvir televisão. som dos pássaros: ‘pássaro é livre’, mesmo com a remoção quero lembrar desse som.*

40

reparar *significa apagar as consequências de uma ação ou omissão ‘ilícita’ que causou danos a alguém. Exige que o responsável coloque a vítima em um estado anterior à violação dos seus direitos e, quando isto for impossível, que a compense pela situação (de maneira material e/ou simbólica).*

Quando tratamos de violações de direitos humanos, apontamos que o Estado deve responder como sujeito por ter falhado em proteger direitos quando era sua obrigação.

Essa leitura sobre reparação é limitada, visto que casos como o da Vila Autódromo mostram que não são levados em conta outros indivíduos e grupos que tiveram ou terão vantagem com as remoções forçadas pela Prefeitura.

Para além da forma desrespeitosa como foi conduzido o processo de remoção da maior parte dos moradores da Vila, conta o morador Luiz Cláudio Silva que foram empregadas táticas de violência psicológica e violência física contra quem resistia. Foi violado o direito à moradia de milhares de pessoas sob o pretexto de a remoção ser uma medida necessária à realização dos Jogos Olímpicos. Essas famílias não foram consultadas enquanto coletividade sobre as políticas desenhadas para aquele território, sendo imposta uma transformação à história e ao futuro de toda uma comunidade.

Assim, qualquer ação que seja implementada no sentido de reparar as remoções promovidas na Vila Autódromo deve ser construída considerando como foi afetado aquele coletivo e oferecendo garantias de que as violações não voltarão a se repetir.

~ Shana Marques Prado dos Santos

41



rua da resistência / minha casa minha vida:

quase todas as ruas foram destruídas, ficando apenas a Giles Villeneuve atrás das casas e a antiga Nelson Piquet, que é a rua onde ficam nossas casas. Essa rua mudou de nome. Por uma reivindicação nossa ela se chama Rua Vila Autódromo. A mudança foi feita por decreto, na época do acordo.

a Travessa da Resistência também foi criada após as remoções, e alguns moradores querem nomear a rua da igreja de São José Operário.

Λ

O 'Minha casa minha vida', pode ser pensado como um tipo de 'remoção democrática', contendo a falsa promessa de um apartamento mais espaçoso e confortável, a venda da imagem de uma vida melhor. Durante as Olimpíadas revelou-se mais um objetivo/efeito do Programa 'Minha casa minha vida': viabilizar remoções.

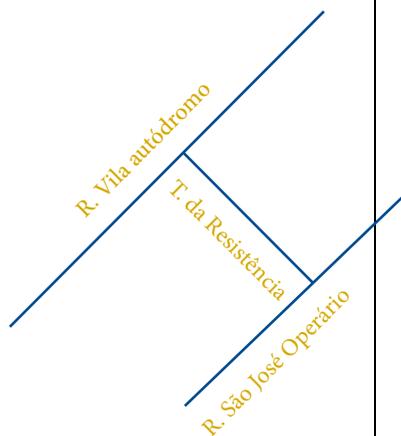
~ Marcela Munch

trabalho / luta / vida. *que labor está implicado em toda ação de luta? Que ações? Que tempo isso toma? De que maneira a construção de um movimento de resistência vai sacudir as outras esferas da vida que pareciam reguladas, ordenadas, normotizadas? Na militância, como no caso da luta pela moradia, se perdem muitas vezes as bordas entre o trabalho e a luta por direitos. A militância ocupa a vida de forma que se torna, na grande maioria das vezes, impossível trabalhar para gerar renda. E/ou pessoas perdem seus empregos, por se tornar inviável estar de corpo presente em ambos.*

— **you ficou na luta e não tem onde morar.**

— **muitas vezes a gente se entrega antes de lutar.**

42



São José Operário / teatro / festa na comunidade.

ao longo de mais de duas décadas de sua existência essa igreja se encontra em sua 17ª edição da festa de seu padroeiro, sempre comemorada no dia 1º de maio. E em grande parte de suas festividades, dentre suas programações, tinha também peça de teatro; essas apresentações em sua maioria tinha caráter religioso ou sempre com boas mensagens. Peças como:

- Dizimista mirim
- Mentiras tem pernas curtas
- Vidas sim drogas não
- Enquanto há vida há esperança
- Prabaxildo e Felizberto, a realidade de um povo
- De médico e de louco todos temos um pouco
- Senhor não que não sou velho!
- Viver como seres humanos como será isso?
- Caramba! sou rico e não sabia
- A vitória
- Agord x Roma, a batalha cruzada
- Em confusão, conflito das consciências

Todas essas peças foram escritas por mim com o principal objetivo de passar nessa festa, mas claro, a convite, passávamos em outros lugares também; com exceção da peça: 'São Francisco de Assis, o Santo pobre mais rico de todos'. Essa foi minha maior produção e escrita para atender a um pedido insistente de uma franciscana e ministra da eucaristia, senhora Nilza, da paróquia de Nossa Senhora da Saúde de Curicica. Tenho todos os roteiros e textos. No início havia uma resistência por parte de algumas pessoas que não conheciam essa arte, mas depois foi muito bem aceito, inclusive com vários jovens e adultos pedindo para participar. Essa festa tinha outras atrações como: banda de música, concurso de danças, brincadeiras, etc...

~ Luiz Claudio da Silva

43

saúde mental. *como manter a saúde na luta? Como se estende a rede de cuidados do dia a dia na luta contra a remoção? Como não ser chamado de 'louco' ao lutar contra a remoção da Vila?*

— Recebíamos 15 ligações da prefeitura por dia. Isso é opressão, isso é pressão psicológica.

— Vamos superando aos poucos, traumas, cicatrizes. Depois da remoção, qualquer tipo de som chama a atenção.

— Cheguei ao ponto de ter uma crise nervosa na subprefeitura, depois de constantes humilhações por parte do Procurador do Município Marcelo Marques. Fiquei depressiva, acamada e meus problemas de dores crônicas pioraram.

violação / trator. *porque, apesar de todo o avanço normativo na proteção de direitos humanos, especificamente o direito à moradia, no contexto internacional e local, o cotidiano das periferias e cidades como o Rio de Janeiro revela a sua constante violação? Noutros termos, como pode a previsão abstrata de direitos estar conjugada a uma realidade que os nega sistematicamente? (...)*

No caso da Vila Autódromo, os moradores que construíram naquele território tiveram seu direito violado por duas razões: i) porque a forma jurídica, longe de ter um compromisso abstrato com a garantia do direito à moradia, tem por essência assegurar a propriedade individual; ii) porque a forma de vida destes moradores ameaçava o capital. ~ Marcela Munch

/ A memória do TRATOR na Vila Autódromo não é de 'progresso', de 'construção', é de destruição. O que de fato é uma Olimpíada? O que de fato ela faz por onde ela passa? ~ Sandra Maria

44

Referências / citações

p. 10 / Carta de Luízinha de Nanã, Rio On Watch, 2015. <http://rioonwatch.org.br>

p. 14 / Artigo de Adriano Belisário sobre o Cartel das Olimpíadas, Agência Pública, 2016.

<http://apublica.org>

p. 16, 43 / Marcela Munch. Direitos Humanos e a colonização do urbano – Vila Autódromo na Disputa. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2017.

p. 16, 17, 20, 29, 32 / Relatório Instituto PACS 'Qual o legado da Olimpíada um ano depois dos jogos?', 2017. <http://pacs.org.br>

p. 16 / Dossiê Popular Copa e Olimpíadas no Rio de Janeiro, 2014. <http://comitepopulario.files.wordpress.com>

p. 22 / David Harvey, Produção Capitalista do Espaço, 2005.

p. 25 / Entrevista com Maria da Penha Mecena, Instituto PACS, 2017. <http://www.pacs.org.br>

p. 27 / Carolina Costa Peterli Guimarães, 'Por uma cidade das mulheres: reflexões feministas sobre a reconstrução do Rio de Janeiro'. Em: Jovens pesquisadoras, entre estudos e militância, 2016.

p. 27 / Sílvia Gil, Nuevos Feminismos: Sentidos Comunes en la Dispersión, 2011.

p. 30 / Logomarca realizada para a campanha 'Viva a Vila Autódromo'.

p. 43 / Depoimento de Sandra Maria no filme 'À espera da medalha', 2016, de Lucas Amarildo.

Projeto realizado entre os meses de junho e setembro de 2017.

Participação / Com textos de /
Curadoria / Concepção

Dalva Chrispino de Oliveira, Denise Costa dos Santos, Jade Sol de Souza Teixeira, Luiz Cláudio da Silva, Maria da Penha Macena, Mariza do Amor Divino, Nathalia Macena, Sandra Maria de Souza, Gizele Menezes, Luízinha de Nanã, Marcela Munch, Gleyce Kelly Heitor, Igor Vidor, João Paulo Quintella, Shana Marques Prado dos Santos, Cristina Ribas, Lucas Sargentelli

Projeto Céu Aberto / O futuro da memória,
Poéticas de memória e esquecimento na América do Sul

Realização Goethe-Institut Rio de Janeiro e
Museu das Remoções



— o medo é a arma dos fracos,
minha vó sempre me disse